

SONÂMBULO: ANOTAÇÕES SOBRE UM GESTO NA PENUMBRA E AS FOTOGRAFIAS DE ANDRÉ LEITE COELHO

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2024.209366

ORCID
<https://orcid.org/0000-0003-0350-5381>

MARCELO SCHELLINI

Curtin University, Campus Malaysia - enquiries@curtin.edu.my

RESUMO

O objetivo desta resenha é descrever e analisar criticamente a relação conceitual do gesto fotográfico com o livro de fotografia “Sonâmbulo” do autor André Leite Coelho. O texto expõe a prática da fotografia sendo tanto consequência como artefato do espaço urbano, sugerindo assim uma ontologia comum entre fotografia e cidade, elaborando cruzamentos entre a poética da fotografia de rua e sua história. A discussão aborda ainda as escolhas formais e estéticas do projeto gráfico, a sequência de imagens e o desenho do livro enquanto possibilidade de representação subjetiva do espaço da cidade em sua percepção fragmentada e transitória por meio da prática fotográfica.

PALAVRAS-CHAVE:

Fotografia;
Fotolivro; Cidade;
Desenho Gráfico;
André Leite Coelho.

ABSTRACT

The purpose of this review is to describe and critically analyze the conceptual relationship between the photographic act and André Leite Coelho’s photography book Sonâmbulo. The text exposes the photographic practice as both a consequence and an artefact of urban space. This suggests a common ontology between photography and modern cities, elaborating intersections between street photography practice and its history. The discussion also addresses the formal and aesthetic choices of the book’s graphic design and layout as a possibility for a subjective representation of cityscapes in its fragmented and transitory perception through photography.

KEYWORDS:

Photography;
Photobook; Urban
Space; Graphic
Design; André Leite
Coelho.

Em uma manhã de inverno me encontrei com André Leite Coelho. Estávamos em meados de 2019 e após tomarmos um café decidimos andar até o centro de São Paulo. As ruas frias da capital eram aquecidas por uma luz rasante que alçava o manto da madrugada e aos poucos dissipava os vestígios da noite. Ficou decidido que levaríamos conosco as câmeras fotográficas com o objetivo de testar uma lente. Descendo pela Santa Cecília, seguimos por um caminho que nos levaria por fim até as proximidades da rua Conselheiro Crispiniano.



FIGURA 1.
Página do livro
Sonâmbulo.
Reproduzido
por André Leite
Coelho©

Ao longo desse percurso, cenas luminosas e efêmeras configuraram-se por instantes para depois desaparecerem em frações de segundo. A luz penetrava os ângulos oblíquos da cidade, encontrava uma fresta no concreto e tornava-se uma matéria tangível que durava somente instantes. André certamente notava essas manifestações luminosas. E eu agora o observava fotografar, observava ele percorrer a vista pelos vãos onde a luz encontrava um caminho, apontando a câmera na direção de pedestres que não conseguiam evitar a colisão contra a luz materializada.

É interessante ver alguém fotografando. Acredito que o gesto fotográfico sempre reflete o caráter de quem fotografa. Walker Evans descreveu o ato fotográfico como um ato de espionagem penitente, um apologético voyeurismo (Evans 2004). Vinte anos depois, Henri Cartier Bresson (2017) descreve-o como o gesto do equilibrista caminhando na corda bamba e o meneio furtivo do *pickpocket*. Decido aqui não traduzir *pickpocket* como batedor de carteiras, pensando mais no *pickpocket* do contexto de um outro Bresson: Robert Bresson, diretor de cinema que fez o filme *Pickpocket* em 1959, dando o papel principal ao uruguaio Martin Lasalle que à época não era um ator profissional. O *pickpocket*, aí, é a personificação do herói marginal.

Evidentemente, essas analogias referem-se somente a como os dois fotógrafos entenderam pessoalmente seus gestos fotográficos. Na descoberta da fotografia, cada pessoa acaba concebendo seu modo de proceder e, embora o modo de fotografar de André seja distinto, tem em comum com as referências que cito a necessidade de uma profunda concentração. E ainda uma sutil discricção, um comedimento de gestos. Uma economia de movimentos. Talvez porque a câmara seja silenciosa e relativamente pequena, o disparo tem um pouco a ver como uma arte marcial que parece aos olhos do leigo como uma dança. O gesto é rápido, suave e congela-se tenso por ínfimos instantes no momento do disparo. Depois, volta a relaxar ao retornar à posição de descanso, enquanto os olhos mantêm-se continuamente concentrados na observação.



FIGURA 2.
Página do livro
Sonâmbulo.
Reproduzido
por André Leite
Coelho©

No momento da minha lembrança, as fotografias do livro *Sonâmbulo* estavam em andamento. Algumas ruas percorridas naquele dia são de fato as mesmas que vemos aqui. A materialidade efêmera da luz de outrora é traduzida em um tipo de realidade que diz respeito à experiência do gesto fotográfico. As fotografias fazem com que o observador volte a transitar a vida convulsionada das ruas da cidade. De alguma maneira, as fotografias desafiam a impossibilidade de perceber a simultaneidade, a transitoriedade e a incoerência de viver em uma metrópole como São Paulo (Musa 2020). A fotografia de rua, volta a dar sinais de vida.

FIGURA 3.
Página do livro
Sonâmbulo.
Reproduzido
por André Leite
Coelho©



Enquanto fotografia de rua, a emergência destas imagens faz indagar sobre os destinos do próprio gênero fotográfico. Colin Westerbeck diz no livro *Bystander: A History of Street Photography* que foi justamente a fotografia de rua que assumiu a vanguarda do desenvolvimento estético do meio fotográfico durante os anos 50, 60 e 70. Estava aí toda uma maneira nova de fotografar: o *snapshot*. Diz o autor do livro que Garry Winogrand fotografava de soslaio, com o canto do olho. Como se tivesse uma vista no enquadramento e outra no olhar periférico, enxergando e representando uma realidade muitas vezes invisível à percepção comum (Westerbeck 2017, 45).

John Szarkowski, sentado no gabinete do departamento de fotografia do MoMA, na posição de quem certamente exerceu plena influência na história da fotografia, foi um grande “descobridor” de fotógrafos de rua, trazendo-os para dentro do museu e contribuindo para o reconhecimento desse gênero. Szarkowski era aficionado pela fotografia de rua afirmando que Eugène Atget foi o fotógrafo mais importante do século XIX, e Garry Winogrand, do século XX (Westerbeck 2017, 39).

FIGURA 4.
Página do livro
Sonâmbulo.
Reproduzido
por André Leite
Coelho©



Depois de tantos anos, diante de uma extensa lista de fotógrafos que participaram ativamente da história do meio — expandindo possibilidades técnicas e estéticas da sua linguagem — às vezes me pergunto se o impulso criativo, claramente reconhecido nas décadas anteriores, é ainda capaz de impulsionar trabalhos transformadores (Schellini 2021).

O *Sonâmbulo* vem de encontro com essa indagação. Contudo, melhor que defender um gênero, ou ainda buscar um lugar ao sol dentro de uma tradição fotográfica; o trabalho sobretudo reafirma a fotografia como instrumento de observação e representação de uma realidade difícil de ser apreendida. Sou justamente arrebatado por esse mergulho no abismo da cidade. Em seu labirinto, a fotografia tem um papel duplo. Pois não foi coincidência que ela tenha emergido como meio de produção de imagens no século XIX, simultaneamente ao vertiginoso processo de urbanização que moveu grandes contingentes populacionais aos centros urbanos. Esse advento implicava em um novo modo de viver, mas também em uma nova percepção do espaço e, por outro lado, um novo sistema de identificação e controle de indivíduos.

A complexidade desta experiência por sua vez é interpretada em forma de livro. Em suas oitenta páginas, o livro *sonâmbulo* propõe um projeto gráfico audacioso em busca de traduzir a percepção fragmentada da cidade e materializar seu labirinto conceitual. A linearidade de uma publicação convencional nele é rompida pelo recurso de recombinações de imagens. A edição iconoclasta fratura o espaço imaculado da página e, conseqüentemente, a proporção do espaço-temporal do enquadramento. O projeto gráfico sugere a impossibilidade de uma representação total da cidade e a totalidade de sua percepção. O livro é um artefato escavado em seus escombros.

FIGURA 5.
Página do livro
Sonâmbulo.
Reproduzido
por André Leite
Coelho©



Naquela manhã de 2019, enquanto caminhávamos aparentemente anônimos em meio à multidão, eu ainda não estava consciente de que a cidade nunca mais seria a mesma. E que o fluxo de pedestres e veículos não pudessem retroceder, ou passar duas vezes no mesmo lugar e ao mesmo tempo. Mas, suspeito que André estava consciente sobre essa transitoriedade. Afinal, aquele era seu bairro, e ele, testemunha de mudanças e catastróficas políticas públicas que afetaram o espaço que vive. Ele fotografava silenciosamente o desenho que surge entre a luz e a sombra, o movimento efêmero de seu encontro e desencontro. Assim, como a filha do oleiro Butades de Sicião contornou a sombra do amado antes da irremediável partida, vemos em suas fotografias uma cidade familiar e que nunca deixa de ser estranha, um lugar que encontramos somente entre o sono e a vigília. E certamente tantas outras leituras que podem ser encontradas no livro *Sonâmbulo* e no espelho estilhaçado da linguagem fotográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bresson, Robert (Dir). 1959. *Pickpocket*. Paris: Criterion Collection. (75 minutos)
- Cartier-Bresson, Henri. 2017. *Interviews and Conversations 1951 - 1998*. New York: Aperture.
- Coelho, André Leite. 2021. *Matinal / Sonâmbulo / As sombras de laoximen / do percurso (anexo)*. Orientador: João Luiz Musa. 2021. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Evans, Walker. 2004. *Many are called*. New Haven: Yale University Press.
- Musa, João Luiz. 2020. *O leão na praça/João Luiz Musa*. Tese (Livre-docência) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Plínio, o Velho. 1985. *Histoire Naturelle*. Paris: Les Belles Lettres.
- Schellini, Marcelo Artioli. 2021. The Peacock Junction. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia*, São Paulo, 6 (1). e-178043. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.178043>.



Westerbeck, Colin e Meyerowitz, Joel. 2017. *Bystander: A History of Street Photography*. London: Laurence King Publishing.

Winogrand, Garry. 2002. *1964*. Boston: Arena Editions.

Marcelo Schellini é docente da Curtin University, Campus Malásia. Doutorando em Poéticas Visuais pela ECA-USP, Mestre em Estudos de Cultura Visual pela Universidade de Barcelona e Bacharel em Fotografia pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial de São Paulo SENAC-SP. Dedicou-se à pesquisa em fotografia contemporânea, artes plásticas e cultura visual. Desde 2013 é pesquisador do Grupo de Pesquisa em Impressão Fotográfica, coordenado pelo Professor Dr. João Luiz Musa na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: marcelo.schellini@curtin.edu.my

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 15/03/2023

Aprovado em: 30/05/2023